

APRESENTAÇÃO

O presente dossiê especial tem como temática “A centralidade da variação e a gradualidade da mudança linguística na língua em uso” e possui duplo propósito.

O primeiro está vinculado ao Simpósio Temático “Variação e mudança linguísticas no âmbito de modelos funcionais”, coordenado pelos organizadores deste dossiê, durante o X Congresso Internacional da ABRALIN (AZERÊDO et al., 2017), que ocorreu na Universidade Federal Fluminense, em março de 2017, e contou com a participação de pesquisadores de diversas instituições acadêmicas. Um dos resultados desse simpósio culminou com a discussão da centralidade da variação no âmbito das pesquisas linguísticas, em que se problematizou o papel central ou periférico da variação na organização do conhecimento linguístico em estudos sociolinguísticos, socioconstrucionais, socio(funcionais-)cognitivos, questões estas que são retomadas em alguns dos artigos deste dossiê, seja em pesquisas com dados do uso obtidos em sincronia ou diacronia, seja em pesquisas de avaliação subjetiva (percepção, atitude ou crença) sobre usos.

O segundo propósito, ligado ao primeiro pelo tema, relaciona-se à necessidade de um espaço de problematização epistemológica para pesquisas que se propõem, a partir

de diferentes perspectivas científicas, a examinar e explicar processos de variação e/ou mudança. Em outras palavras, está em consonância com o anseio de se trabalhar em prol de se desenvolver o paradigma de análise, descrição e teorização da relação entre variação e mudança (por gramaticalização, construcionalização ou outro processo) a partir da interseção de modelos teórico-metodológicos, que é o caso de alguns textos deste dossiê, um paradigma que se quer mais antenado a encaminhamentos recentes na literatura linguística.

Dessa forma, este dossiê pretende contribuir para uma reflexão sobre a centralidade da variação nas análises de experiências de uso, tendo em vista o desafio de capturar a natureza dinâmica do fenômeno linguístico e a gradualidade da mudança linguística na representação gramatical da língua em uso; ou seja, de um lado, é caracterizado o fenômeno variável e, de outro, é detectada a gradualidade das categorias gramaticais, na medida em que podem ser inseridas em diferentes categorizações gramaticais a depender do contexto comunicativo.

Refletir sobre o lugar da variação ganha ainda mais relevo no âmbito dos estudos orientados pela Gramática de Construções como arcabouço teórico, uma vez que estes têm, em geral, focalizado problemas relativos à mudança. E, então, a variação,

inerente à língua, não tem tido, ao menos no Brasil, a devida atenção nas generalizações que ensejam a configuração da gramática de construções de uma língua. Como é típico de qualquer teoria linguística emergente, aspectos da Gramática de Construções ainda estão em desenvolvimento ou são concebidos de modos distintos por pesquisadores diferentes. Entendemos que ainda há de se consolidar uma agenda de pesquisa e de reflexão metateórica relativa a problemas de variação construcional, na linha de estudos encaminhados no âmbito da perspectiva construcional por, entre outros linguistas, Hilpert (2014, 2017), Perek (2012, 2015), Machado Vieira (2016) e Wiedemer & Machado Vieira (2018). Este dossiê se soma a esforços nesse sentido, englobando, entre seus artigos, ao menos três pesquisas que concebem que a variação pode ter lugar central também na gramática construcional de uma língua. E esperamos que este dossiê possa estimular a emergência cada vez mais substancial dessa reflexão no Brasil.

O primeiro artigo deste dossiê, “Aquisição de orações relativas no PB em contexto de *input* variável”, é de autoria de Ana Cristina Baptista de Abreu e Christina Abreu Gomes e apresenta um estudo realizado com crianças em processo de aquisição do Português Brasileiro, tratando mais especificamente da aquisição de orações relativas. A partir de uma perspectiva teórico-metodológica que conjuga

os pressupostos da Sociolinguística Variacionista e os de Modelos Baseados no Uso, as autoras investigam a hipótese de que as relativas infantis iniciais apresentam estruturas mais simples até que as crianças produzam relativas alvo observadas na fala dos adultos, que refletem a mudança linguística. Por meio de uma análise que considera a produção espontânea de 23 crianças moradoras da cidade do Rio de Janeiro, componentes da Amostra AQUIVAR/PEUL/UFRJ, os resultados abalizam que: a aquisição depende não só da frequência das estruturas no *input*, bem como da similaridade que determinadas estruturas apresentam com outras sentenças da língua; e as crianças participam da implementação da mudança linguística pelo processo de incrementação.

O artigo “A variação na construção relacional de mudança de estado: *ficar*, *tornar-se* e *virar*”, de Bruna Gois Pavão Ferreira, põe em evidência o lugar central da variação na Gramática de Construções. Expõe aspectos de uma análise socioconstrucionista da variação dos verbos *ficar*, *tornar-se* e *virar* no *slot* de verbo relacional da construção predicativa de mudança, concebendo esta como integrante de uma rede construcional de predicação relacional, que licencia, além de um subesquema construcional predicativo de estado, um subesquema construcional predicativo de mudança de estado

(estado de coisas que engloba mudança de estado, condição e propriedade). Nesse sentido, a autora busca responder (i) quais as diferenças e similaridades no uso desses verbos e (ii) como se dá a variação/alternância entre tais verbos nesse tipo de construção. Os resultados das análises da sua pesquisa de Doutorado revelam que a seleção por um dos três verbos é motivada por fatores semânticos (aspectuais) e pragmáticos. Além disso, a autora aponta que há uma relação entre o sintagma predicativo e o verbo relacional que se compatibilizam na construção predicativa.

Em “Lexemas e construção: atração, coerção e variação”, artigo seminal, de autoria dos organizadores, Marcos Luiz Wiedemer e Marcia dos Santos Machado Vieira, a temática do lugar central da variação na Gramática de Construções emerge a partir da discussão de um de seus problemas que ainda carecem de desenvolvimento/enfrentamento, qual seja: o estatuto de formas que se compatibilizam no *slot* de uma construção por força de relação de similaridade/analogia ou por força de coerção. E, para lidar com tal problema, os autores dedicam-se à descrição de fenômenos morfossintáticos e à reflexão sobre a temática da correlação entre (co)lexemas e construção em prol de discutir objetos observacionais e questões teórico-metodológicas referentes aos fenômenos de atração e da variação implicados nessa compatibilização,

que revelam a existência de variantes a serem consideradas entre as generalizações feitas na Gramática Construcional do Português.

A seguir, Ivo da Costa do Rosário e Brenda da Silva Souza evidenciam, no artigo “Construções correlatas aditivas no século XVIII: uma análise sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso”, que a correlação aditiva é uma estratégia distinta da coordenação aditiva. Para tal, a pesquisa realizada pelos autores, a partir da análise de dados diacrônicos, alude para a diversidade de instanciações da correlação aditiva e para a particularização da configuração dessa construção, em ambos os níveis, formal e semântico. Além disso, lançam a tese de que a correlação aditiva apresenta contornos de maior argumentatividade.

“Construções com o verbo passar: mudança construcional em perspectiva funcional”, da pesquisadora Geisa Maria Jayme Jordão, apresenta a discussão envolvendo a mudança construcional do verbo *passar* pleno a auxiliar. Para ilustrar a discussão sobre o assunto, a autora traz resultados de sua pesquisa de doutoramento realizada em textos dos séculos XVIII, XIX, XX e XXI, com o propósito de expor o processo de mudança de sentido mais concreto (movimento – origem) ao sentido mais abstrato (marcação de tempo verbal). Entre os resultados, a autora indica a necessidade de considerar as questões aspectuais e os papéis temáticos relacionados às construções analisadas.

As pesquisadoras Solange de Carvalho Fortilli e Letícia de Almeida Barbosa, no artigo “A analogia nos processos de mudança de verbos cognitivos no português brasileiro”, analisam, com base nos pressupostos clássicos do Funcionalismo, as mudanças de significado a partir dos deslizamentos semânticos decorrentes dos usos situados dos verbos *achar*, *acreditar*, *deduzir* e *calcular*. Para tanto, exploram dados coletados em documentos dos séculos XIX, XX e XXI no *Corpus do Português*, guiadas pela hipótese do uso parentético via analogização. Os resultados obtidos revelam, por exemplo: a subjetividade do falante atuando para os usos modalizadores epistêmicos, quando em usos parentizados; especializações morfológicas das estruturas estudadas, em primeira pessoa do singular e com o verbo no tempo presente, o que evidencia o grau de subjetividade das construções epistêmicas.

“Variação estável ou mudança em progresso? A expressão do modo subjuntivo em três variedades do português brasileiro”, de Wendel Silva dos Santos e Tatiana Schwochow Pimpão, põe em relevo a discussão sobre a relevância da variável social (faixa etária) no condicionamento da variação entre os modos subjuntivo e indicativo. Os autores, a partir de dados extraídos de três comunidades de fala diferentes (Florianópolis, São Paulo e São Luís) dedicam-se a responder se o objeto analisado se trata de um fenômeno de variação estável

ou de mudança em progresso. Utilizando-se dos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança, os autores chegam à conclusão de que as localidades investigadas apresentam padrões de usos diferenciados, sendo que, em Florianópolis, a variação é estável e, em São Paulo e em São Luís, já há indícios de mudança implementada.

“A gramaticalização da locução conjuntiva *posto que*”, de Adriana Manolio, investiga o processo de mudança gramatical na expressão da conjunção subordinativa *posto que*. A autora, valendo-se de alguns princípios teóricos que fundamentam a gramaticalização, descreve a diacronia da formação de *posto que*. Com isso, busca abalizar a trajetória de deslizamento de significado de concessivo a causal. De acordo com a autora, o processo de constituição da locução conjuntiva *posto que* constitui uma mudança semântica, que se delinea através de processo metonímico.

Thaís Regina de Andrade Corrêa, no artigo “Estereótipo, estima e preservação de faces: a realização africada de oclusivas alveolares seguidas de glide palatal em uma comunidade escolar de Aracaju/SE”, examina os efeitos de polidez de uma variante do tipo estereótipo, em contextos de preservação de faces, em uma comunidade de práticas escolares de Aracaju/SE, com o propósito de evidenciar que a realização africada de oclusivas alveolares antecedidas por glide palatal é sensível à avaliação

social, configurando-se um estereótipo de estigma social. Entre os resultados, a autora mostra que o monitoramento ou preservação de face positiva se dá quando os informantes possuem alguma distância social, o que se reflete no uso da variante africana.

“Atitudes, crenças e (auto)avaliação linguística de comunidade rurais do 3.º Distrito de Nova Friburgo”, de Jaqueline de Moraes Thurler Dália, há a defesa da existência de uma arquivcomunidade de fala, em que os falantes mais jovens dominam múltiplos códigos orais, que são acionados pelo contexto enunciativo. A partir da amostra de fala de 39 informantes, a pesquisa, sustentada por questões de natureza avaliativa, assinala que a geração mais nova, se não domina todas as regras da língua padrão, ao menos reconhece o ambiente em que sua variedade é aceita e aciona os mecanismos de adequação da fala. Já os membros mais velhos são os mais expostos a avaliação negativa de fala, pois reproduzem a estigmatização que sofreram, buscando concordância e complementaridade com seu interlocutor. O estudo constata ainda que os jovens utilizam, como estratégia contra o preconceito, sua capacidade de acomodação e convergência de fala.

O texto intitulado “O caso e *-a-mo(s) versus -e-mo(s)* e *-e-mo(s) versus -i-mo(s)*: variação morfêmica ou especialização temporal?” de Ivelã Pereira, aborda, com suporte teórico da

Sociolinguística Variacionista, o contexto de especialização das formas não-canônicas (*falemo(s)* e *comimo(s)*) quando relacionadas ao pretérito perfeito do indicativo. A pesquisa destaca que os morfemas investigados podem ser variantes em ambos contextos temporais (presente e pretérito perfeito do indicativo) em algumas comunidades de fala, embora seu uso possa ser categórico e especializado em outros.

O último artigo do dossiê – “As formas pronominais *tu, você* e *o(a) senhor(a)* no português falado em Cametá – Estado do Pará, em uma abordagem sociofuncionalista”, da pesquisadora Raquel Maria da Silva Costa – reúne os resultados da investigação sobre a alternância das formas pronominais de referência à segunda pessoa (*tu, você, o(a) senhor(a)*), na função de sujeito, em dados do português falado na zona urbana de Cametá/PA. A partir da conjugação teórica entre a Teoria da Variação e Mudança Linguística e o Funcionalismo, a autora investiga o papel dos condicionadores linguísticos e extralinguísticos no comportamento variável do fenômeno investigado. Aplicando o princípio de marcação de Givón (1993), a autora observa a correlação entre a frequência de uso de *tu*, em contexto de competição com *você/o(a) senhor(a)*, caracteriza-se como forma *menos marcada*.

Em linhas gerais, contamos, neste dossiê, com estudos sobre fenômenos morfossintáticos e fenômenos fonético-fonológicos

que, em alguma medida, lidam, por um lado, com variação, com mudança ou com a relação entre estes processos e, por outro, com encaminhamento da variação e/ou mudança com base num modelo centrado no uso ou na avaliação subjetiva deste. E, mais especificamente, contamos também com artigos que ressaltam a temática da variação sob o olhar de modelos baseados no uso mais recente explorado teoricamente no Brasil, alguns dos quais com a preocupação de situá-la na Gramática de Construções. Torcemos para que as questões enfrentadas nos artigos deste dossiê tenham acolhida entre os que se dedicam à pesquisa e ao ensino de Português.

Para finalizar, agradecemos à Comissão Editorial, aos Conselhos Interno e Externo do Caderno Seminal, aos pareceristas *ad hoc*, aos assessores e aos revisores técnicos. E congratulamo-nos aos professores e pesquisadores que submeteram artigos para publicação no presente número deste periódico por, mediante sua valorosa colaboração científica, chegarmos a uma miscelânea expressiva da diversidade da pesquisa brasileira.

Boa leitura!

Marcos Luiz Wiedemer (UERJ)
Marcia dos Santos Machado Vieira (UFRJ)
Editores do Número